



Condições de trabalho e saúde de professores do ensino superior no oeste catarinense

Working conditions and health of teachers in higher education in western Santa Catarina

FisiSenectus . Unochapecó
Ano 1 - Edição especial - 2013
p. 85-95

Cláudia Nesi Rezer

Fisioterapeuta pela Unochapecó. claunesi@unochapeco.edu.br

Mara Fernanda Donat

Fisioterapeuta pela Unochapecó. mara.adm@unochapeco.edu.br

Fátima Ferretti

Professora do Programa de Mestrado em Ciências da Saúde da Unochapecó. ferrettifisio@unochapeco.edu.br

Cássia Cristina Braghini

Mestranda em Ciências da Saúde pela Unochapecó. cafisio@unochapeco.edu.br

Resumo

Introdução: Os estudos das condições de saúde e trabalho de grupos ocupacionais permitem caracterizar os processos laborativos e construir um perfil para compreender as interações entre trabalho e a saúde/doença. O número de professores universitários aumentou em função da expansão do ensino superior e são poucas as publicações sobre a situação de saúde destes, o que demanda uma atenção especial. **Objetivos:** Analisar as condições de saúde e trabalho dos professores universitários numa instituição de ensino superior (IES) comunitária no estado de Santa Catarina e identificar a interferência do trabalho no dia a dia dos professores. **Métodos:** A pesquisa é do tipo quantitativo e descritivo com amostra composta por 87 professores. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram o questionário adaptado de Matos (2003) e Taube (2002) e o item short form health survey do medical outcomes study – 36. **Resultados:** A média geral de idade foi de 43 ($\pm 7,9$) anos, 93,10% eram doutores ou mestres, com média de 12,35 ($\pm 6,48$) anos na função de professor e 10,86 ($\pm 5,60$) anos de atuação na ies, realizando uma média de 6,85 ($\pm 2,66$) horas diárias. Destes, 50,57% afirmaram realizar horas extras. A rotina de trabalho interferia no desempenho mental de 26,67% da amostra e desempenho físico em 28,33%; já 70% relataram ter sentido dor nas últimas quatro semanas e 83,91% afirmaram que as condições de saúde interferiram no seu trabalho. **Conclusão:** Os professores estão constantemente expostos a fatores de risco como a dor, realização de horas extras, sobrecarga mental e física e desestímulo pela função, o que pode gerar vários transtornos físicos e psíquicos.

Palavras-chave

Saúde. Trabalho. Professor. Ensino superior.

Abstract

Introduction: The study of health and occupational work groups can characterize the processes laborativos and build a profile to understand the interactions between work and health / disease. The number of faculty has increased due to the expansion of higher education and there are few publications on the health status of these, which demand special attention. **Objective:** To analyze the health and work of academics in an institution of higher learning in the state of Santa Catarina. **Methods:** The research is quantitative and descriptive sample of 87 teachers. The data collection instruments used were a questionnaire adapted from Matos (2003) and Taube (2002) and item short form health survey of the medical outcomes study-36. **Results:** The overall mean age was 43 (\pm 7.9) years, 93.10% were doctors or teachers, with an average of 12.35 (\pm 6.48) years as a teacher and 10.86 (\pm 5.60) years of experience in the IES, performing an average of 6.85 (\pm 2.66) hours per day. Of these, 50.57% reported receiving overtime. The work schedule interfered with the mental performance of 26.67% of the sample and physical performance of 28.33%, whereas 70% reported having experienced pain in the last four weeks and 83.91% said that health conditions interfered in their work. **Conclusion:** Teachers are constantly exposed to risk factors such as pain, performing overtime, and physical and mental overload disincentive for function, which can generate various physical and mental disorders.

Keywords

Health. Work. Teacher. Higher Education.

Introdução

Para Silva¹, o trabalho configura-se como uma atividade coordenada, de caráter físico e intelectual que visa alcançar um determinado objetivo. A relação entre o trabalho e a saúde/doença passou a ser mais abordada a partir da Revolução Industrial, momento em que os trabalhadores passaram a vender sua mão de obra de forma barata, tendo que se adaptar ao processo produtivo, à acumulação rápida de capital e ao aproveitamento dos equipamentos².

A organização do trabalho interfere na vida do trabalhador, assim como o tempo que ele passa no ambiente de trabalho. Quanto maior a jornada, menor é o tempo disponível para o convívio familiar, assim como o cansaço que pode interferir no relacionamento do trabalhador com seus familiares³.

Atualmente, tem-se destacado a influência do trabalho no processo de saúde e doença. Dependendo da profissão exercida, existem determinantes na execução da atividade laboral que podem agravar as condições de saúde do indivíduo, levando-o a um quadro patológico, à fadiga física ou a exaustão mental. A forma como o processo de trabalho é organizado, o cotidiano no local de trabalho, os processos no qual o modo de trabalhar, de se relacionar, de lidar com o tempo, o espaço e os equipamentos pode ser danoso à saúde⁴.

A organização do trabalho interfere na vida de qualquer trabalhador, assim como o tempo que ele passa no ambiente de trabalho; pois quanto maior a jornada menor será o tempo possível para o convívio familiar, e quanto maior o cansaço mais difícil será o relacionamento do trabalhador com seus familiares³.

No caso do professor, o processo de trabalho se dá pela construção de conhecimento e aprendizagem que não podem ser analisados de forma isolada das relações interpessoais que ocorrem na estrutura social e na contemporaneidade⁵.

Atualmente, o papel do professor ampliou-se para além de mediador do processo de conhecimento de seu aluno. Seu trabalho vai além da sala de aula, ele deve participar da gestão e do planejamento da instituição de ensino, o que representa uma maior dedicação ao trabalho. Nesse contexto, a atividade laboral perpassa o espaço do lar e, muitas vezes, as horas de convívio, lazer e descanso podem ser absorvidas por atividades extraclases, fator que ao longo dos anos pode provocar enfermidades psíquicas ou físicas⁶.

Vários são os fatores que podem influenciar o trabalho do professor no seu dia a dia, entre eles as condições climáticas do ambiente, mobiliário, estrutura física, carga horária, tipo de atividade, relacionamento interpessoal, se a atividade é prazerosa ou não, sobrecarga de trabalho, entre outras.

A situação da saúde dos professores universitários demanda atenção especial, pois é uma profissão que tem o número de trabalhadores aumentando nas últimas décadas, com o crescente número de instituições de ensino e, caso os problemas elencados não sejam investigados e sanados, teremos em sala de aula um profissional desmotivado, enfermo, em esgotamento tanto físico quanto psíquico.

A produção científica nessa área apresenta uma tendência de crescimento nas últimas décadas, recebendo contribuições de diversos campos do saber. Isso se deve ao crescimento das IES por todo Brasil e o surgimento de problemas vinculados a função de professor universitário⁷.

No entanto, a literatura sobre condições de trabalho e saúde de docentes, principalmente no nível universitário, quando comparada a outras áreas trabalhistas, ainda é escassa. Muitos estudos publicados evidenciam as relações entre saúde e trabalho, em contextos fabris, em que a relação entre trabalho e saúde é mais direta e os riscos à saúde são mais evidentes. Portanto, pesquisas sobre condições de saúde e sua relação com o trabalho do professor universitário são importantes para planejar ações a fim de melhorar a saúde desse grupo populacional⁸.

Desse modo, deve-se conhecer o exercício das atividades desenvolvidas pelos professores, a estrutura e a organização do trabalho e se esses fatores interferem no desenvolvimento da atividade laborativa o que, conseqüentemente, poderá impactar na qualidade do ensino oferecido, no processo ensino-aprendizagem, na educação dos alunos e na saúde dos professores.

Diante do contexto exposto, os objetivos deste estudo foram analisar as condições de saúde e trabalho dos professores universitários em uma Instituição de Ensino Superior (IES) comunitária no estado de Santa Catarina e identificar a interferência do trabalho no dia a dia dos professores.

Materiais e métodos

Esse estudo se caracteriza como quantitativo, descritivo e observacional. A população foi composta pelos professores universitários em exer-

cício em uma Universidade Comunitária do oeste catarinense, que possuía 160 professores com contrato efetivo de 20 a 40 horas, nas áreas de Ciências da Saúde, Humanas e Jurídicas, Sociais Aplicadas e Exatas e Ambientais.

A amostra foi composta observando-se intervalo de confiança de 99% e margem de erro de 1% calculada através do programa PEPI 4.0 (DOS), totalizando 87 docentes. Foram incluídos os professores em atividade na universidade há mais de dois anos, com carga horária de 20 a 40 horas. Constituíram os critérios de exclusão os profissionais que estavam em férias no período da coleta de dados ou em afastamento por motivo de doença.

O instrumento de coleta de dados foi o questionário adaptado de Matos⁹ e Taube¹⁰ para identificação das condições de trabalho dos professores, contendo questões abertas e fechadas. Para a verificação das condições de saúde foi utilizado o questionário *Medical Outcomes Study – 36 Item short form health survey – SF 36*, avaliando as seguintes variáveis: capacidade funcional, aspectos físicos, dor, estado geral da saúde, aspectos sociais, aspectos emocionais e saúde mental. Os instrumentos foram autoaplicados nos meses de fevereiro e março de 2010.

Os dados foram categorizados e analisados por meio do programa SPSS versão 20.0. Foi realizada análise inferencial com percentual e desvio padrão. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da universidade, aprovado sob protocolo nº 278/09.

Resultados

A amostra do estudo foi composta por 87 professores universitários registrados com 20 horas ou mais na função e há mais de dois anos na Instituição. A **tabela 1** apresenta o perfil destes professores. Quanto ao gênero 48,28% eram homens e 51,72% mulheres. A faixa etária predominante foi dos 41 aos 46 anos, com 26,44%, seguida de 47 a 52 anos, com 25,29%, e 35 a 40 anos, com 20,69%. A média geral de idade foi de 43 ($\pm 7,9$) anos, e a média entre as mulheres foi de 42 ($\pm 7,36$) anos e entre os homens de 43 ($\pm 8,44$) anos. Com relação à

titulação, 6,90% eram especialistas, 75,86% mestres e 17,24% doutores.

A **tabela 2** descreve as características vinculadas ao trabalho dos professores universitários. Quanto ao tempo de profissão a média foi de 12,35 ($\pm 6,4$) anos, sendo o tempo mínimo de 4 anos e o máximo de 37 anos de atuação. A maioria, 32,18%, tinha de 9 a 13 anos de atuação. Quanto ao tempo de trabalho na IES a média foi de 10,8 ($\pm 5,6$) anos, sendo o mínimo apresentado de 2 anos e o máximo de 29 anos. A média diária de trabalho foi de 6,8 horas ($\pm 2,66$), sendo que 41,38% faziam de 7 a 8 horas dia e 44,83% relataram trabalhar nos turnos matutino/vespertino/noturno. Em relação às horas extras, 50,57% afirmaram fazer horas extras e a média de horas extras relatada foi de 33 ($\pm 21,89$).

A **tabela 3** apresenta dados quanto aos aspectos físicos inadequados da sala de aula, e destes o calor foi destaque em 31,51% das respostas, os ruídos externos em 23,29% e ventilação em 10,27%. Quanto ao aspecto que os desestimulavam, foi verificado que 28,43% relataram carga horária de trabalho elevada, 17,65% colocaram a indisciplina dos acadêmicos, 21,57% a desvalorização profissional e 7,84% a baixa remuneração.

A **tabela 4** destaca os dados quanto à percepção da saúde e presença de dor em professores. Quanto à percepção de saúde, 58,62% relataram que a sua saúde em geral em comparação a um ano atrás permaneceu quase a mesma e 20,69% afirmaram que ela se encontrava um pouco pior que um ano atrás. Quando questionados em relação à quantidade de dor que tiveram nas últimas quatro semanas, 29,90% relataram que não tiveram dor no corpo e 28,70% afirmaram sentir dores leves. Quanto à interferência da dor no trabalho, 34,50% relataram que interferiu um pouco; 33,30% de maneira alguma; 26,40% moderadamente; 4,60% relataram que a dor interferiu bastante e apenas 1,10% consideraram que a dor interferiu extremamente.

Em relação à interferência do trabalho no dia a dia (**tabela 5**), 26,67% dos professores responderam que o desempenho mental foi afetado pela rotina de trabalho, 28,33% relataram comprometimento do desempenho físico, 11,67% no relacionamento com os filhos. Já quanto à interferência da condição

de saúde física e emocional no trabalho, 32,18% relataram que estas variáveis interferiram bastante na realização do trabalho; 26,44% relataram que interferiu moderadamente; 25,29% ligeiramente; 10,34% de maneira alguma e 5,75% extremamente.

Discussão



Diante dos dados coletados, observou-se que o perfil da amostra foi homogêneo, tendo um percentual aproximado de homens (48,28%) e de mulheres (51,72%) atuando nesta IES. Em estudo realizado com professores da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, o maior percentual de professores foi do sexo masculino (61,5%), o que para os autores reflete uma realidade em que no nível superior de ensino os homens representam a maioria, ao contrário de outros níveis como ensino básico ou em séries iniciais em que o gênero feminino predomina, ou seja, quanto maior o prestígio social e *status* no trabalho como docente e/ou pesquisador, maior relação com o gênero masculino¹¹.

Por outro lado, outros pesquisadores⁸ encontraram 39,5% do gênero masculino e 52,9% do gênero feminino atuando na Universidade Estadual de Feira de Santana (BA). Para eles, a predominância do gênero feminino entre os profissionais da educação está relacionada à inserção da mulher no mercado de trabalho, sendo que com a expansão do setor educacional no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, as mulheres passaram a ocupar os cargos de educadores.

A média de idade foi de 43 anos e a faixa etária prevalente foi de 35 a 50 anos. Quanto a titulação 75,86% eram mestres e 17,24% doutores, demonstrando que a busca pela qualificação tem sido constante na vida destes professores, pois é uma exigência do mercado de trabalho. Araújo *et al.*⁸ descreveram as características do trabalho docente e as queixas de saúde de professores universitários de Feira de Santana (BA) e também encontraram o predomínio de professores com idade entre 30 a 49 anos com titulação de mestres e/ou doutores. A faixa etária entre os 30 e 50 anos representa, para a maior parte dos estudantes, o período em que é possível alcançar níveis maiores de titulação.

A maioria dos professores deste estudo tinha entre 4 e 13 anos de atuação na IES (62,07%), realidade diferente foi apresentada em uma Universidade pública da Bahia na qual a maior parte (35,5%) dos professores tinham entre 16 e 25 anos de atuação, com 20 a 40 horas semanais. Esse fato pode ser explicado em função de que a IES estudada passou por processo de reestruturação para Universidade Comunitária recentemente, diferente dos casos de Universidades Federais.

Cerca de 41,38% dos professores trabalhavam de 7 a 8 horas diárias, com uma média de 6,85 ($\pm 2,66$) horas/dia, com turnos que variavam entre matutino/vespertino/noturno. Já 44,83% dos professores relataram trabalhar três turnos e, considerando que a pesquisa foi realizada com professores com carga horária de 20 a 40 horas semanais, pode-se sugerir que estes não possuem turno definido de trabalho, o que pode propiciar a realização de horas extras. Associado a isso, a instituição não adota o registro em cartão ponto pelos docentes, o que dificulta o acompanhamento das horas realizadas.

Os professores, acompanhados por Servilha e Pereira¹², evidenciaram que a jornada de trabalho semanal compreendeu de 6 a 38 horas-aula, com média de 24 horas semanais. Em relação ao número de horas de trabalho diário, este variou de 2 a 16 horas-aula, sendo a faixa mais frequente de 6 horas. Os achados de Lima e Lima-Filho¹¹ destacaram que maioria dos professores de uma IES Federal de Mato Grosso do Sul encontrava-se com excesso de carga horária, ou seja, 70,4% estavam com encargos acima de 8 horas-aula semanais.

Cabe destacar que realização de horas extras preocupa, pois a sobrecarga, conflito e ambiguidade de papel são ressaltados como possíveis estressores no trabalho¹¹.

Nos dados quanto às condições de infraestrutura, os professores destacaram enquanto aspectos inadequados na sala de aula o calor, ruídos externos, ventilação e frio com um somatório de 74,66%. Acrescenta-se ainda que a ausência de espaço para descanso/reposo e de sala individual de trabalho, local inadequado para projeção de material didático, inadequação das mesas e cadeiras e das salas de aulas também são aspectos que interferem no ambiente de trabalho do professor⁸.

Os fatores referentes ao ambiente de trabalho têm sido considerados como fatores de risco para causar dano físico ou mental ao trabalhador¹³. No estudo de Pereira (2006), 32,4% dos docentes apontaram que ter um ambiente e condições adequadas para o desenvolvimento de suas atividades como docente é muito importante para se manter saudável¹⁴.

As fontes importantes de tensão no trabalho referem-se às condições ambientais desfavoráveis, representadas por fatores como excesso de calor, ruídos e vibrações, que causam desconforto, aumentam o risco de acidentes e podem provocar danos significativos à saúde. O autor ressalta, no entanto, que um planejamento adequado de iluminação e de cores contribui para a melhoria da produtividade, aumento da satisfação no trabalho e redução da fadiga e de acidentes¹³.

Em relação à interferência do trabalho no dia a dia dos professores, estes relataram que o desempenho mental e físico estava comprometido, perfazendo um total de 55%, no qual se pode hipotetizar que estes estão correndo risco de sofrer esgotamento mental e físico, pelo acúmulo de tarefas, elevado número de horas em sala de aula e falta de valorização.

Algumas são as causas de sofrimento físico e mental dos professores que acabam por desestimular o exercício da profissão, entre elas estão as turmas com muitos alunos, pressão dos horários, salário abaixo do nível de exigência de responsabilidade, falta de estabilidade no emprego, falta de promoção e expectativas, intensidade do trabalho, falta de reconhecimento social, falta de mão de obra que acaba sobrecarregando o professor em suas atividades, gerando exaustão física e emocional, infraestrutura inadequada causadora de problemas de saúde graves, como lombalgias e Distúrbios Osteomusculares relacionados ao trabalho, falta de tempo para exercícios físicos e alimentação inadequada dentro e fora da instituição, devido ao excesso de trabalho ininterrupto^{15,16}.

Esses fatores de sobrecarga trazem como consequências o estresse, a queda da qualidade da aula ministrada, a impossibilidade de se aperfeiçoar constantemente, a falta de tempo e a desestimulação para preparar e refletir criticamente sobre sua prática pedagógica. Os docentes sentem

o desgaste físico e/ou mental de longas jornadas de trabalho, necessárias para fazer diante da baixa remuneração e para manter um padrão de vida razoável¹⁷.

Em relação aos aspectos que desestimulam o professor em sua carreira, 28,43% relataram que a carga horária elevada é o principal fator, seguido da desvalorização profissional, com 21,57%, e 14% afirmaram que não têm aspectos que os desestimulem.

Pelos dados obtidos em relação à percepção de saúde, 58,62% relataram que a saúde continua a mesma de um ano atrás; 20,69% relataram que a saúde está um pouco pior do que um ano atrás. Já 70% dos professores relataram ter alguma dor nas últimas quatro semanas, e destes 66,60% afirmaram que esta interferiu no trabalho. Percebe-se que o professor consegue ter a percepção das relações estabelecidas entre a saúde e trabalho, bem como o quanto o seu trabalho interfere na mesma. Silvany Neto *et al.*¹⁸ identificaram em seu estudo que 32,5% dos 573 professores pesquisados referiram ter tido problemas de saúde 15 dias antes da aplicação da pesquisa. As queixas mais frequentes eram em relação ao uso contínuo da voz, a algias na coluna vertebral, problemas psicossociais, cansaço e nervosismo. O estudo também relata que os problemas de saúde dos professores têm aumentado nos últimos anos.

Pode-se imaginar que o professor está trabalhando muitas vezes sob pressão, o que interfere intimamente no desenvolvimento de suas atividades. Embora a maioria dos professores não tenha refletido sobre sua saúde, muitos afirmam que o exercício da profissão docente é composto por fatores importantes que comprometem sua saúde física e mental, causando-lhes sofrimento e desgastes que desencadeiam doenças somáticas e psíquicas ou psicossomáticas, levando ao afastamento do posto de trabalho¹⁸.

Pesquisa de Delcor *et al.*¹⁶ evidenciou que o percentual de professores com diagnósticos médicos de saúde desde que começaram a trabalhar foi elevado. Em ambos os estudos é possível, mais uma vez, comprovar que a profissão do professor apresenta fatores de risco para a saúde, devido sua carga horária diária de trabalho, sobrecarga de atividades, condições físicas inadequadas para

o exercício da profissão, pouco tempo para o descanso nos intervalos entre as aulas, além do trabalho extraclasse desenvolvido em seus lares, o que minimiza o convívio familiar e social.

Vários fatores interferem na vida do professor, sejam de origem acadêmica, seja profissional e/ou familiar, estes que muitas vezes o impede de ter um estímulo para continuar seu ofício. Ao mesmo tempo, os professores buscam sua valorização na questão da profissionalização e estudo continuado. Mas é necessário e importante refletir sobre novas formas de exercer a função, sem que ela traga sofrimento e, em parceria com a IES, buscar novos caminhos para que estes fatores possam ser amenizados.

Conclusão

Conclui-se que a amostra foi homogênea quanto ao sexo, com faixa etária de 35 a 52 anos (72,42%) e com boa qualificação, sendo que 93,10% eram doutores ou mestres. O tempo de profissão enquanto professor universitário teve uma média de 12,35 ($\pm 6,48$) anos. Quanto ao tempo de trabalho na IES a média foi de 10,86 ($\pm 5,60$) anos.

Quanto aos turnos de trabalho predominou o grupo que trabalhava nos três turnos matutino/vespertino/noturno (44,83%), realizando uma média de 6,85 ($\pm 2,66$) horas diárias e, 50,57% da amostra afirmaram realizar horas extras mensais, em uma média de 33 ($\pm 21,89$). Quanto aos aspectos físicos da sala de aula citados pelos professores como mais inadequados, em primeiro lugar ficou o calor (31,51%), seguido dos ruídos externos (23,29%) e ventilação (10,27%).

Em relação à interferência do trabalho no dia a dia, os professores destacaram que a rotina de trabalho estava interferindo no seu desempenho físico (28,33%), seguido do desempenho mental (26,67%) e o relacionamento com os filhos (11,67%). Quanto aos aspectos que desestimulavam estes no trabalho, observou-se que a carga horária de trabalho elevada (28,43%) foi a mais relatada, seguida da indisciplina dos acadêmicos (17,65%) e desvalorização profissional (21,57%).

Já em relação ao sintoma dor, 70% dos professores relataram ter sentido alguma dor e, destes, 13,80% afirmaram que estas eram de intensidade moderada a grave, assim como 66,60% afirmaram que a dor interferiu na realização das tarefas vinculadas ao trabalho. Quanto à interferência da saúde física e emocional no trabalho, 32,18% relataram que estas variáveis interferiram bastante na realização do trabalho; 26,44% relataram que interferiu moderadamente e 25,29% ligeiramente, somando um percentual de 83,91% dos professores que afirmaram ter interferência das condições de saúde na capacidade de trabalhar.

O presente estudo confirmou que os professores se encontram constantemente expostos a fatores de risco, como dor, jornadas de trabalho exaustivas, turno de trabalho sem definição, realização de horas extras, sobrecarga mental e física e desestímulo pela função que se agregados a más condições de infraestrutura podem levar os professores ao adoecimento.

Ressalta-se a importância da realização de mais pesquisas, para comparar as diversas realidades e conhecer com mais detalhes as condições de saúde e trabalho dos professores universitários, bem como sobre o que pode ser planejado e modificado para amenizar e ou solucionar os problemas mais importantes.

Referências



1. Silva NEM, Santos DF, Freitas CES, Araújo TM, Sena IP. Trabalho docente e saúde em uma instituição de ensino superior da Bahia. VI Seminário da Redestrado – Regulação Educacional e Trabalho Docente. 2006 Nov 06-07; Rio de Janeiro: UERJ, 2006.
2. Gomez CM, Costa SMF. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. Cad. Saúde Pública. 1997;13(2):21-32.
3. Barbosa MSA, Santos RM, Trezza MCSF. A vida do trabalhador antes e após a Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e Doença Osteomuscular Relacionada ao Trabalho (DORT). Rev. Enferm. 2008;60(5):491-6.
4. Sato L. Prevenção de agravos à saúde do trabalhador: replanejando o trabalho através das negociações cotidianas. Cad. Saúde Pública. 2002;18(5):1147-57.
5. Rizzardi DGF, Spessato MB. Autoridade ou autoritarismo na prática docente: alguns pontos para reflexão. Revista Pedagógica. 2002;4(9):99-106.
6. Gasparini SM, Barreto SM, Assunção AA. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Revista Educação e Saúde. 2005;31(2):189-99.
7. Gomez CM, Lacaz FAC. Saúde do trabalhador: novas-velhas questões. Ciênc. saúde coletiva. 2005;10(4):797-807.
8. Araújo TMD, Sena IPD, Viana MA, Araújo EM. Mal-estar docente. Avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de Ensino Superior. Rev. Baiana de Saúde Pública. 2005;29(1):6-21.
9. Matos EMB. Incidentes críticos do absenteísmo em situações de trabalho Industrial [tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2003.
10. Taube OLS. Análise da incidência de distúrbios musculoesqueléticos no trabalho do bibliotecário. Considerações ergonômicas com enfoque preventivo de LER/DORT [tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2002.
11. Lima MFEM, Lima-Filho DO. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. Ciências e Cognição. 2009;14(3):62-82.
12. Servilha EAM, Pereira PM. Condições de trabalho, saúde e voz em professores universitários. Cienc. Med. 2008;17(1):21-31.
13. Martinez, MC. As relações entre a satisfação com aspectos psicossociais no trabalho e a saúde do trabalhador [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia; 2002.
14. Pereira OAV. Qualidade de vida no trabalho de docentes universitários de uma instituição

pública e outra privada do leste de Minas Gerais [dissertação]. Caratinga: Centro Universitário de Caratinga; 2006.

15. Potrich N, Nichel FMM. "Eu não sou nesta vida só professora": A organização do trabalho e o sofrimento dos educadores. Revista Pedagógica. 2005;14:41-55.

16. Delcor NS, Araújo TM, Barbalho L. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Cad. Saúde Pública. 2004;20(1):187-96.

17. Silva GLFS, Rosso AJ. As condições do trabalho docente dos professores das escolas públicas de Ponta Grossa - PR. In: VII Congresso Nacional de Educação da PUCPR - EDUCERE e no III Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas - CIAVE. 2008, Curitiba. Formação de 1: 495-536.

18. Silvano Neto AM, Araújo TMD, Dultra FR, Azi GR, Alves RL, Kavalkievick C, Reis EJ. Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino de Salvador. Rev. Baiana de Saúde Pública. 2000;24(1):42-56.

Anexos

Tabela 1 – Perfil de Professores Universitários em uma IES em SC/2010

	N	%
Gênero		
Feminino	45	51,72
Masculino	42	48,28
Idade		
29 – 34	16	18,39
35 – 40	18	20,69
41 – 46	23	26,44
47 – 52	22	25,29
53 – 58	5	5,75
59 – 63	2	2,30
Acima de 64	1	1,15
Titulação		
Mestre	66	75,86
Doutor	15	17,24
Especialista	06	6,90
Total	87	100

Fonte: elaboração dos autores.

[\(clique para voltar ao texto\)](#)

Tabela 2 – Características do trabalho de professores em uma IES em SC/2010

	N	Média (DP)
Tempo de profissão	87	12,35 (±6,48)
Tempo de atuação na IES	87	10,86 (±5,60)
Horas de trabalho/dia	87	6,85 (±2,66)
Horas extras/mês	30	33(±21,89)

Fonte: elaboração dos autores.

[\(clique para voltar ao texto\)](#)

Tabela 3 – Aspectos físicos e desestimulantes do trabalho como professor em uma IES em SC/2010

	N	%
Aspectos Físicos da sala inadequados		
Frio	14	9,59
Calor	46	31,51
Umidade	1	0,00
Luminosidade	4	2,74
Ventilação	15	10,27
Altura do quadro	7	4,79
Ruídos externos	34	23,29
Carteira e cadeira inadequada	7	4,79
Elevado número de alunos por sala	7	4,79
Nenhum	7	4,79
NR*	4	2,74
Total	146	100
Aspectos que desestimulam o professor		
Carga horária de trabalho elevada	29	28,43
Indisciplina dos acadêmicos	18	17,65
Desvalorização profissional	22	21,57
Baixa remuneração	8	7,84
Nenhum	15	14,71
NR*	10	9,80
Total	102	100

NR* Não resposta.

Fonte: elaboração dos autores.

[\(clique para voltar ao texto\)](#)

Tabela 4 – Percepção da saúde e dor de professores em uma IES em SC/2010

	N	%
Percepção de Saúde		
Muito melhor que um ano atrás	5	5,75
Pouco melhor que um ano atrás	12	13,79
Quase a mesma de um ano atrás	51	58,62
Pouco pior que um ano atrás	18	20,69
Muito pior que um ano atrás	1	1,15
Presença de dor		
Nenhuma	26	29,90
Muito leve	24	27,60
Leve	25	28,70
Moderada	10	11,50
Grave	2	2,30
Interferência da dor no trabalho		
De maneira alguma	29	33,30
Um pouco	30	34,50
Moderadamente	23	26,40
Bastante	4	4,60
Extremamente	1	1,10
Total	87	100

Fonte: elaboração dos autores.

[\(clique para voltar ao texto\)](#)

Tabela 5 – Interferências do trabalho e da saúde na vida de professores em uma IES em SC/2010

	N	%
Interferência do trabalho no dia a dia		
Desempenho mental	32	26,67
Desempenho físico	34	28,33
Relacionamento com os filhos	14	11,67
Relacionamento com o companheiro/a	9	7,50
Relacionamento sexual	5	4,17
Não afeta	15	12,50
NR*	11	9,16
Total	120	100
Interferência da saúde física e emocional no trabalho		
De forma nenhuma	9	10,34
Ligeiramente	22	25,29
Moderadamente	23	26,44
Bastante	28	32,18
Extremamente	5	5,75

Fonte: elaboração dos autores.

[\(clique para voltar ao texto\)](#)